



"VOCÊ MALTRATA MEU TEXTO DE FORMA ARBITRÁRIA"*

Correspondência entre Kracauer e Adorno (1938)

KRACAUER PARA ADORNO: CARTA NÚMERO 126¹

Paris, 20.08.1938

Paris (17^o).3, Avenue Mac-Mahon/20 de agosto de 1938

[*] As notas que se seguem pertencem à edição original: Adorno, Theodor W. e Kracauer, Siegfried. Briefwechsel — "Der Riss der Welt geht auch durch mich" — 1923-1966. In: Adorno. *Briefe und Briefwechsel* — Herausgegeben vom Theodor W. Adorno Archiv — Band 7. Frankfurt/M: Suhrkamp, 2008. [N. do E.]

[1] Documento original: datilografado (cópia); espólio de Siegfried Kracauer, Deutsches Literaturarchiv, Marbach.

[2] Não disponível nos espólios de Kracauer ou de Horkheimer.

Caro Teddie,

Escrevi para o instituto no dia 26 de julho² — com o pedido de me comunicar com você — dizendo que havia recebido seu manuscrito e lhe escreveria sobre ele muito em breve. Me perdoe, por favor, por isso só ter acontecido hoje. Mas tive semanas cheias de agitações, que não permitiram nem fazer uma carta, e além disso eu sabia que você estava de férias.

Antes de tratar propriamente de seu manuscrito, gostaria de adiantar que eu só pude deduzir de sua longa carta de 3 de maio que você propôs um arranjo de passagens especialmente importantes do meu trabalho, levando em consideração as restritas relações de espaço. Você escreveu naquela carta, com ênfase: "Uma nota editorial mostrará certamente que se trata apenas da reprodução de um dos temas mais importantes e não de todo o seu texto". — Pela sua carta de 28 de junho tive de constatar, entretanto, que você aceitou as modificações mais drásticas em seu manuscrito concluído entrementes — uma declaração que me deixou seriamente preocupado. Mas queria esperar primeiro pelo manuscrito.

A leitura dele, lamentavelmente, confirmou minhas preocupações. Com grande pesar, preciso lhe informar que *não* posso aprovar a publicação desse manuscrito. Você pode acreditar que isso é muito penoso para mim, não apenas por causa do novo adiamento da publicação ou parte da publicação do meu trabalho, mas também em virtude do esforço que você dedicou a isso.

Me parece que é como se aquelas estruturas do seu manuscrito, que não me permitem consenti-lo, estivessem de certo modo em dívida com o seu propósito, como se o principal assunto do meu trabalho tivesse sido comprimido a um quinto do espaço usado no original e a tal versão que daí resultou se mostrasse como um todo unificado. Mas este propósito é, como não preciso começar a lhe justificar, um texto verdadeiramente problemático, desde o início, em relação ao meu.

Vou tentar lhe provar rapidamente como estou convencido de que essas coisas são ruins no caso presente. Você escreveu em 3 de maio que a sua elaboração sobre a “estrutura” inevitavelmente teria que ser retirada. Contra isso eu, por certo, não teria nada a objetar. O fato é que você, contudo, não retirou a “estrutura”, e sim uma parte considerável do que consiste na essência do meu trabalho. Eu me esforcei com interminável prudência na remoção metódica do criativo para o existente, e para esse propósito uma determinada distância média dos acontecimentos apreendidos, que também corresponde à aplicação de categorias determinadas, como a vontade de poder niilista. Fora a pertinência tática de um procedimento como esse em relação à atualidade: com a ajuda dele me foi possível, assim espero, tornar compreensível o surgimento do fascismo, descrever sua complexa relação com o capitalismo e elaborar o desenvolvimento da propaganda totalitária. Essas conclusões, que de modo algum são “estruturas”, desaparecem quase por completo em seu manuscrito; provavelmente por isso, porque você prefere tomar o fascismo em meio a uma rede coordenada, que gostaria de estar a uma distância muito maior do fenômeno do que a que conheço como deliberadamente válida. Isso expressa que você eliminou todas as categorias determinadas utilizadas por mim e, com elas, todo o conhecimento resultante da relação conflituosa com o material. Para você o fascismo aparece como uma coisa pronta, que pode ser cem por cento classificada e ordenada. Você o identifica a princípio com a contra-revolução, apesar de seus interesses serem diametralmente contrários ao da maioria, e deixa de lado o duplo significado da sua relação com o capitalismo. Significativo na dimensão em que você opera, é a bagatela de que Ortega y Gasset³, para mim um “grande pensador burguês”, se tornou um “reacionário” para você. Eu não afirmo, veja bem, que as tais abreviações estejam erradas, mas são demasiado sumárias para terem força, e sobretudo: elas pulam por completo a camada na qual me movo e na qual adquirei conhecimentos, que são oriundos dos fenômenos significativos de fato e os atingem com precisão. A sua omissão dessa camada coincide com a forma como arranjou seus temas. Enquanto eu trago um dos prerequisites e a assim imposta disposição das dificuldades do material, você trata do assunto como um caso categorial já cumprido e absorvido, que pode ser retirado aleatoriamente, sem muita preocupação com a forma dada ao tema. Seu arranjo faz minha avaliação parecer parte de um caráter puramente ornamental.

Rapidamente, por essa razão já não posso aceitar este manuscrito, porque nele se perdem traços e conteúdos decisivos do meu trabalho. Além do mais há uma objeção básica, que também tem muito peso. Com grande espanto constatei que você não teve o menor escrúpulo de ser cuidadoso para preservar o meu texto original na sua edição,

[3] José Ortega y Gasset (1883-1955) apresentou em “A rebelião das massas” (“La rebelión de las masas”, *Revista de Occidente*, Madri, 1930) uma análise do fascismo a partir de uma perspectiva aristocrática.

mas, pelo contrário, suprimiu meu texto usando um punhado de ingredientes próprios. Dentro da versão já reduzida, nos quatro quintos é sempre você mesmo quem fala, sem nem ao menos indicar os tais ingredientes. Vários deles são, diga-se de passagem, definitivamente contrários à abordagem que uso no meu trabalho; ao contrário de você, por motivos sólidos desisti de todas as análises de linguagem que apareceram pelo meu caminho. E como se não bastasse você intervir constantemente, ainda maltrata o meu texto de forma arbitrária na parte em que você por fim a ele recorre. Quase nenhuma frase minha foi reproduzida com exatidão; a maioria foi recortada, estripada, modificada até ficar irreconhecível. Eu preciso lhe confessar que em toda a minha trajetória literária nunca tinha visto uma edição que opusesse tanto a usos legítimos; sem mencionar que, pela minha experiência pessoal, eu jamais teria mexido desse jeito num texto alheio.

Na verdade você não revisou meu manuscrito e sim o utilizou como base para um trabalho próprio.

Isso não denuncia o estilo dele, de fato. Frases como essas: “[...] a propaganda como flor na lapela [...]”, “A bebedeira do festival da canção espontâneo [...]”, “[...] o diretor bronzeado com o motorista [...]”, “O sonho de um leitor de jornal que mergulha de clichê em clichê sem resistir [...]”, “[...] registrou o professor [...]”, pertencem a uma esfera da linguagem que, como sempre se avalia, tem tão pouco a ver com o meu trabalho que a evitei com absoluta intenção. E não há nada a dizer sobre o fato de que por todos os lados o seu estilo característico sobrepuja os restos miseráveis do meu.

Com isso, espero ter lhe mostrado os motivos que me compelem a esta necessidade lamentável de não poder aprovar a publicação da sua versão. O que fazer para salvar o meu trabalho para a revista? Depois de ter falhado a sua tentativa de comprimir um texto da natureza do meu a um quinto de seu volume, sem no entanto, como você me escreveu em 28 de junho, “reivindicar o caráter fragmentário” desse extrato — mas uma tentativa dessas, que para mim já estava definida pelo seu aviso, iria ter de falhar a qualquer custo! — em vista da calamidade do espaço, restou apenas uma saída, que me pareceu a única correta desde o princípio: a revista reproduzir um fragmento do meu trabalho. Poderia se escolher passagens dentre o todo dos capítulos, que seriam ligados por meio de intertítulos editoriais breves — como os que foram claramente retirados; ou se poderia querer publicar um trecho completo, no tamanho oferecido, com a nota preliminar de que se trata aqui de um fragmento do meu trabalho. Pensando no interesse do jornal, assim como no meu, decididamente me rendo à segunda solução, mais proveitosa. E com efeito sugiro que se publique o capítulo sobre as massas e se possível também o capítulo de encerramento, com sua construção do processo de auto-imolação da propaganda totalitá-

ria. Um fragmento desse tipo seria uma coisa clara e honesta; ela não apenas conteve em si mesma algumas explicações essenciais, mas de fato apresentou uma noção do meu trabalho, sobretudo.

Para concluir, não devo esquecer um ponto muito importante. Você assinou o seu manuscrito com meu nome. Mas, nesse momento, infelizmente de modo algum posso publicar o fragmento indicado do meu trabalho sob meu nome, mas somente sob pseudônimo⁴ ou mesmo sem assinar; em razão de tê-lo desenvolvido quando o senhor Pollock esteve aqui, em abril. O senhor Pollock considerou essas razões absolutamente obrigatórias e prometeu tomar medidas quanto a isso para que a minha vontade seja cumprida.

Escrevo para Horkheimer⁵ nesta mesma correspondência. Para não precisar me repetir, envio em anexo uma cópia desta carta para ele, uma forma de simplificar as coisas.

Muitíssimo obrigado pelo seu cartão-postal, recebido ontem, vindo do frescor do verão. Nos alegramos muito em ver que você e Gretel tiveram belos dias de férias.

Lili e eu enviamos todo amor e tudo de bom para vocês dois.

Seu

Obs.: Ainda preciso agradecer a sua carta de 2 de junho. Sua notícia sobre o milionário da Filadélfia, indicado a mim por Schapiro, já naquela época não precisava da discrição que você me pede, pois a notícia já havia sido transmitida⁶ por outros conhecidos — Leo entre eles.

ADORNO PARA KRACAUER: CARTA NÚMERO 127⁷

Nova York, 12.9.1938
12 de setembro de 1938

Caro Friedel,

lamento que você não tenha podido aprovar com o trabalho reformulado sobre a propaganda, e eu suponho que você tenha visto na carta de Leo⁸ que o pesar sobre isso foi compartilhado pelos outros. Eu penso estar de certa forma livre de todo esse pesar, tomado de sentimentos de um padrasto injusto: pois o trabalho não teve outro propósito, objetivo além de lhe ser benéfico. As coisas que você objeta, em especial a questão da “distância”, para mim estavam presentes desde o princípio, e eu não posso de pleno juízo representar outras coisas diferentes dessas. A reprimenda contida em frases como a “edição que se opõe a usos legítimos” não me parece correta. Eu não maltratei o

[4] Em consideração à mãe que vivia na Alemanha (ver carta número 120).

[5] A carta para Max Horkheimer em 20 de agosto de 1938 está impressa (ver Horkheimer, GS 16, pp. 458-64).

[6] Em carta de Leo Löwenthal a Kracauer, de 31 de maio de 1938 (ver Kracauer/Löwenthal, Briefwechsel, pp. 86ss).

[7] Documento original: datilografado; espólio de Siegfried Kracauer, Deutsches Literaturarchiv Marbach am Neckar.

[8] Em 9 de setembro de 1938, Leo Löwenthal escreveu para Kracauer sobre a recusa de imprimir a versão criada por Adorno de “Massa e propaganda”. Max Horkheimer e os outros membros do Instituto “lamentaram sinceramente” o ocorrido (ver Kracauer/Löwenthal, troca de correspondências, pp. 90ss).

seu texto de forma arbitrária, e sim tentei reformulá-lo no sentido da abordagem decididamente teórica, que está por trás da revista, e por mais preparado que eu esteja para assumir toda a responsabilidade da nova versão, não posso, contudo, tratar essa nova versão como uma coisa particular minha. Não posso fazer nada, creio, a publicação teria sido especificamente do seu interesse.

Porém posso entender a sua decisão negativa e a respeito. O único pedido que eu gostaria de fazer seria que você considerasse meu texto de maneira suficientemente detalhada para chegar a um veredicto sobre ele, pois as intervenções que fiz não foram autoritárias nem displicentes.

Nós mudamos para o novo apartamento, o primeiro apartamento próprio que tenho na vida, agora estou de novo em posse do meu piano. Nós sentiríamos bem e felizes, se a medida das preocupações prementes de hoje não tornasse bastante improvável o bem-estar individual provindo das coisas mais elementares. Por preocupações entendo sobretudo aquelas sobre um par de pessoas, que só contam uma com a outra. Mesmo assim nem mesmo penso na grande política, pois continuo sem acreditar na guerra. Mas se houver uma dessas, então de fato não seria apenas uma vitória da força bruta, mas também a vitória do empirismo sobre a teoria. E mal posso dispor do meu próprio ódio contra o bando de Hitler para desejar tal coisa. Mas isso não deve ser tomado ao pé da letra, na verdade sei muito bem que não há mais nenhuma esperança além da catástrofe. Apenas não tenho nem mesmo isso.

Tudo de bom para você e Lili, também da parte de Gretel
Seu velho
Teddie